

Futebol, Cultura e Cidade

Ronaldo Helal

1. Introdução

O futebol é uma das principais fontes de identidade cultural do país. Capaz de mobilizar e atrair milhões de pessoas, o futebol pode ser entendido como uma forma cultural que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade raramente encontrado em outras esferas da vida social. É neste universo que observamos, freqüentemente, indivíduos de diferentes classes sociais, raças e credos se transformarem em “iguais” através de um sistema de comunicação que os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios.

Neste ensaio, pretendo tecer alguns comentários sobre o significado sócio-cultural do futebol na cultura brasileira - particularmente a carioca - que podem nos ajudar a compreender melhor o sentido e a importância das manifestações deste fenômeno no espaço urbano. Ele está dividido em duas partes. Na primeira parte apresento, em linhas gerais, os principais aspectos da singularidade e do sentido de coletividade que o futebol nos proporciona. Na segunda parte, tendo como fonte de análise algumas passagens do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho, teço alguns comentários sobre a forma como as manifestações oriundas deste esporte atuam no espaço urbano contribuindo para a formação do *ethos* cultural da cidade.

2. Futebol, Etnocentrismo e Coletividade

Grupos sociais distintos convivem em uma grande metrópole compartilhando espaços e atividades comuns. Esta convivência, muitas vezes inevitável na formação de uma cidade, nem sempre é pacífica. Na verdade, as “nações novas” - como é o caso do Brasil - experimentam, com freqüência, dificuldades de integração oriundas de conflitos gerados pela diversidade étnica, regional e cultural. A cidade, espaço habitado por seres de diferentes regiões e, muitas vezes, por grupos étnicos vindos de outras nações, é um palco de disputa por poder, prestígio e status social.

O antropólogo Clifford Geertz (1973),

por exemplo, já alertava para a tensão cada vez mais crescente que as “nações novas” experimentavam pelo fato de que o “sentido de pertencer” das pessoas que migravam para as grandes cidades continuava ligado a aspectos relacionados à consangüinidade, raça, idioma, região, tradição e religião - o qual ele chamou de “sentimentos primordiais” - enquanto que a formação de um estado soberano como um instrumento positivo para a realização de objetivos comuns, exigia um outro “sentido de pertencer” baseado na noção de nação - o qual denominou de “sentimentos civis”.

Ainda segundo Geertz (1973, p.261), em qualquer nação do mundo podemos presenciar a existência de vários tipos de “lealdades competitivas” baseadas em laços vinculados à classe, partido, negócios ou profissão. Porém, em uma “nação nova” temos além destes tipos de “lealdades competitivas” aqueles vinculados aos laços dos “sentimentos primordiais” o que estimula ainda mais o etnocentrismo e dificulta a consolidação dos “sentimentos civis”. Porém, Geertz, ao contrário de muitos intelectuais e acadêmicos, não considera os sentimentos primordiais como inexoravelmente retrógrados. Segundo ele, estes sentimentos são essenciais e devem ser publicamente reconhecidos. Ao invés de entender estes sentimentos somente por uma via que os considera um obstáculo à modernização, Geertz acha que estes sentimentos podem ser controlados para ajudarem na formação do estado soberano, já que são fáceis de mobilizar porque são evidentes e poderosos.

O Brasil é um país marcado por uma diversidade cultural e regional muito grande. A cidade do Rio de Janeiro, composta por uma legião de imigrantes vindos de várias partes do mundo e do país, forma um palco privilegiado para o exacerbamento destes conflitos e, neste sentido, o futebol tem uma importância crucial para o sentido de coletividade ao estimular as diferenças e rivalidades entre grupos sociais distintos ao mesmo tempo em que os integra. Senão vejamos.

A socióloga Janet Lever seguindo o raciocínio de Geertz faz um estudo sobre o futebol brasileiro com o intuito de demonstrar que o esporte de massa - no caso, o futebol - pode representar *...um mecanismo alternativo para o aproveitamento das identidades primordiais com o objetivo de desenvolver a*

unidade política e a fidelidade ao moderno estado civil (1983, p.27). Partindo de uma perspectiva genérica, o raciocínio de Lever utiliza-se das representações sociais que emanam dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, para demonstrar como o universo do futebol potencializa as rivalidades entre grupos distintos ao mesmo tempo em que os integra em uma ordem social comum. Assim, enquanto o Flamengo estaria representando a classe trabalhadora, o Fluminense seria a representação da elite aristocrática, o Botafogo, a burguesia ascendente - ou os “novos ricos” - e o Vasco da Gama, os portugueses. Em que pese o exagero destas generalizações, o passado histórico e os símbolos populares destes clubes nos remetem, de fato, às representações analisadas por Lever.

Como o esporte é, em última instância, a “luta pelo amor à luta”, o conflito que regula qualquer competição esportiva possui um caráter singular que simultaneamente demarca e harmoniza as diferenças. Em outra ocasião (Helal, 1990, p.66/67) demonstrei como, no esporte, *...o conflito é não somente desejado, como também um fim em si mesmo, um objetivo a ser constantemente buscado e preservado*. Aqui, um oponente só existe em função do outro e quanto maior a sua força, maior o conflito e mais empolgante a competição. Assim, os times de futebol *existem para serem rivais, cientes de que a rivalização é inerente ao esporte e que, por isso mesmo, eles não devem nunca levá-la às últimas conseqüências, eliminando um oponente, pois isto representaria, certamente, o fim do drama esportivo*. Nessa linha de raciocínio, Lever sentencia:

A capacidade paradoxal do esporte de reforçar as divisões sociais, ao mesmo tempo em que as transcendem, faz com que o futebol, o mais popular esporte do Brasil se torne o meio perfeito de alcançar uma união mais perfeita entre grupos múltiplos. Os clubes de futebol locais publicamente sancionam e exprimem os mais profundos sentimentos da sociedade, enquanto o sucesso fenomenal da seleção nacional acentua o orgulho de todos os brasileiros em sua cidadania. (1983, p.27)

Sendo assim, os grandes clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro potencializariam os sentimentos primordiais - ao exprimirem “os mais profundos sentimentos

da sociedade” - e ao mesmo tempo promoveriam a consolidação dos sentimentos civis, já que em uma competição todos se unem em torno do que convencionou-se chamar de “comunidade futebolística”. Nesta união estariam metaforicamente integrados e harmonizados os sentimentos primordiais que permeiam a vida social da cidade. E, apesar de muitas vezes a rivalidade entre os clubes da mesma cidade superar a que existe entre alguns estados, em partidas da seleção brasileira todos deixam de lado as rivalidades tradicionais locais para torcer para a representação do país. Não foi à toa que o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues definiu a seleção brasileira como “a pátria de chuteiras”, metáfora esclarecedora sobre os sentimentos que permeiam a nação em partidas do escrete nacional.

3. Futebol e Cidade

Devido à sua abrangência, informalidade e intensas dramatizações que ocorrem durante as suas manifestações coletivas, o futebol pode ser visto como uma porta de entrada privilegiada para se compreender o *ethos* cultural da nossa sociedade. O livro *O Negro no Futebol Brasileiro* escrito em 1947 (2a. edição ampliada em 1964) por Mário Filho, um clássico da literatura futebolística no país, registra de forma pormenorizada a formação e o desenvolvimento do futebol no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, e nos fornece um excelente material para compreendermos a importância das manifestações oriundas deste esporte para a formação da nossa cultura.

No início do século, por exemplo, apesar de elitista e praticado somente pelos filhos da “alta sociedade”, o futebol já demonstrava a sua influência nos hábitos culturais da cidade ao demarcar espaços físicos e distanciamento social.

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral. Tal qual num baile, numa festinha, num arrasta-pé, os pares dançando. Gente dentro da sala, olhando, gente fora da sala, espreitando, gente fora de casa, na rua, o sereno, espiando. A geral não era o sereno, era a cozinha, a copa, o quintal. Mais para dentro, quase para fora. O sereno era o morro, que se cobria de curiosos sem dez tostões para comprar uma geral, e que só viam pe-

daços de jogo. Metade do campo, um gol lá embaixo, no fundo, os jogadores pequeninos. (Mário Filho, 1964, p.19)

Ainda nessa época, o futebol servia como um referencial para os elos de comunicação entre os jovens de “boa família” da cidade. A tradicional missa nas manhãs de domingo era, por exemplo, acompanhada em seguida das partidas de futebol.

Acabava a missa, duas filas de rapazes na escada, de cima a baixo, esperando as moças. As moças vinham de chapéu, de vestidos claros, as saias cobrindo o tornozelo, deixando de fora só o sapato, a sombrinha aberta. O homem, metido na bola de papelão, parado, a barriga imensa, anunciando o jogo de logo mais. Era hoje: Fluminense e Botafogo. Os rapazes faziam sinais discretos, as moças acentavam sins mais discretos ainda. Tudo combinado. De tarde havia jogo, os amiguinhos, os namorados se encontrariam na arquibancada do Fluminense. (Mário Filho, 1964, p.23)

Várias décadas depois, com a popularização do esporte e a crescente urbanização da cidade do Rio de Janeiro, o futebol se solidificou como um importante referencial de comunicação para a coletividade. De fato, o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais, transformou este esporte em uma espécie de “idioma comum” na cidade, influenciando nos hábitos e costumes da cidade. Ao invés da tradicional missa nas manhãs de domingo, temos, hoje em dia, a praia, o bar ou o almoço de domingo seguido da partida de futebol que será tema das principais conversas durante os intervalos de trabalho na segunda-feira seguinte. Conversas estas que são cada vez mais estimuladas pelos meios de comunicação. Desta feita, o futebol terminou por produzir um poderoso sistema de comunicação que gera vínculos sociais - mesmo que temporários - entre indivíduos de diversas classes socioeconômicas.

Além disso, nestas passagens da obra de Mário Filho, fica evidente a relação do fenômeno futebolístico com o processo de construção de uma gramática de espaços e temporalidades na cidade, fundamental para a existência de uma sociedade *...enquanto um todo articulado* (DaMatta, 1985, p.31) Vistos como invenções sociais ou como “categorias sociológicas” basilares para se compreender os códigos de uma cultura, “espaço” e “tempo” são, no futebol, vividos de forma diferenciada da vida cotidiana, o que é frequentemente comum em momentos rituais, extraordinários, revelando, por

consequente, questões paradigmáticas de uma cultura.

O tempo de qualquer evento esportivo - e não somente o do futebol - é bem diverso do tempo rotineiro. Enquanto este *...é medido por meio de dias, horas e minutos...num espetáculo esportivo são apenas os segundos que podem contar, sendo então unidades absolutamente determinativas para o desenrolar e o resultado do cerimonial* (DaMatta, 1985, p.32). Porém, a forma como cada cultura elabora a sua gramática temporal influencia o tempo destes rituais ao mesmo tempo em que é influenciada por eles. É revelador perceber, por exemplo, como na sociedade norte-americana, tão preocupada com a utilização e precisão do tempo, alguns de seus esportes mais populares não tem um “tempo certo” de duração, invertendo, assim, a noção do tempo ordinário. Além disso, a nossa cultura, tradicionalmente vista como sendo “imponível”, se faz refletir no espetáculo futebolístico com os freqüentes “atrasos” das partidas e com as costumeiras “demoras” dos atletas em “cobrar uma falta” ou um “escanteio”, o que já nos prejudicou em alguns jogos internacionais, inclusive de Copas do Mundo. Por outro lado, o tempo do futebol atua no imaginário da coletividade ao criar expressões populares do tipo, “segundo tempo”, “prorrogação”, “descontos”, “fazer cêra”, etc.

Com relação à gramática espacial, o futebol, além de ter um “espaço próprio” para suas atividades - os estádios, palco de disputa territorial dos torcedores -, atua no “espaço ordinário” da cidade. Se “casa” e “rua” são categoria básicas para compreendermos a cultura brasileira (DaMatta, 1985), o futebol contribui para o entendimento destas categorias ao demarcar novos espaços, rompendo freqüentemente com estas fronteiras.

Neste sentido, Mário Filho (1964, p.122) ilustra como, antes da era do rádio, os resultados das partidas eram fornecidos pelos bondes da cidade que passavam apinhado de torcedores anunciando a vitória de seu time. Mais adiante, já com o rádio mas ainda sem a televisão, os carros de praça anunciavam a vitória do Vasco fazendo um “buzinaço” pelas ruas da cidade. Os espaços públicos da cidade sendo transformados em espaços privados, intimistas.

Hoje em dia, o mesmo ocorre em dias de grandes jogos. As ruas tornam-se espaços intimistas com as pessoas comunicando-se entre si em total frenesi. Veículos embandeirados, vozes que saem das janelas dos carros

anunciando lealdades ao time de coração do torcedor. De forma lúdica e bem-humorada, os torcedores unem-se nessa rivalidade competindo bandeiras, entusiasmo e alegria. E, como não poderia deixar de ser, ao término da partida, carnaval para um grupo e funeral para outro, tal qual no início do século: *Era o Carnaval, a mesma alegria, o mesmo delírio. O Carnaval de um clube só. Um clube fazendo o seu Carnaval, saindo, o outro ficando em casa, de portas trancadas, com se estivesse de luto. De luto num dia de Carnaval* (Filho, idem, p.52).

Assim, o futebol promove deslocamentos de atividades de seus “espaços normais”. DaMatta (1985, p.50) alerta para o fato de que o espaço público é tradicionalmente visto como algo “perigoso” e que tudo que o representa ...é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho... No entanto, percebemos que as manifestações oriundas do futebol podem transformar as representações deste espaço em algo mais “seguro”, “familiar” e “conhecido”, produzindo uma “atmosfera festiva”. Ao falar de momentos rituais em termos genéricos, DaMatta (idem, p.53) nos diz ainda que ...as festas da rua são carnavalescas e unificam o mundo por meio de uma visão onde rua e casa tornam-se espaços contíguos, reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário. A “festa do futebol” proporciona esta “magia”, ao inverter por alguns instantes a gramática de espaços e conduta social existente no cotidiano da cidade.

A intensidade das manifestações coletivas oriundas do futebol atinge o ápice no dia da partida final do campeonato, momento em que as ruas da cidade se transformam em um espaço rico em demonstrações e exaltações de caráter lúdico, estimulando um forte sentido de pertencer aos membros da comunidade. Na verdade, a partida final é um grande ritual da cultura da cidade. Neste sentido, Gusfield (in Burke, 1989, p.30) já colocava que os rituais fazem mais do que refletir a experiência do grupo: “eles criam esta experiência”. Além disso, ...ser um membro de uma comunidade é partilhar um nome, uma história e uma consciência mútua. Ora, o futebol promove esta consciência, especialmente no jogo decisivo. Aqui, exacerbam-se sentimentos mundanos basilares para a organização da vida social como, por exemplo, desejo de vencer, medo da derrota, superação de obstáculos e senso

de justiça. Estes sentimentos tornam-se ainda mais exaltados e exacerbados quanto maior tiver sido o equilíbrio entre os times ao longo do campeonato. Afinal de contas, o campeonato pode ser entendido, em termos analíticos, como uma narrativa mimética do ideal de competição na vida diária e, por isso mesmo, ele revela, através destas manifestações coletivas, questões profundas da cultura de um povo. O campeonato tem um “tempo” no qual surgem metáforas da vida social que falam de “igualdade de oportunidades”, “mérito” e “sorte” dos competidores. Se no início temos uma simetria entre os concorrentes, temos sempre, ao final, uma inexorável assimetria. Por isso, a partida final se encarrega de proporcionar o desfecho desta narrativa. Talvez tenha sido esta a razão que Mário Filho (1964, p.339) fez, de forma exemplar, uma analogia entre uma final de campeonato e um romance policial, ressaltando as semelhanças e diferenças entre ambos: *Há um público, e grande, de decisão. O campeonato, no fim das contas, se resume na decisão. É um romance quase policial. A diferença é que na última página não se descobre o criminoso e sim o herói.*

4. Considerações Finais

Visto como um momento especial, separado da vida diária, o futebol exerce uma grande influência nos hábitos culturais da cidade. Além de possuir um papel integrador - que simultânea e paradoxalmente estimula os sentimentos primordiais e promove os sentimentos civis - o futebol, através das suas variadas manifestações coletivas, expressa algumas questões importantes para compreendemos um pouco mais de nós mesmos. O próprio português falado no Brasil, por exemplo, é permeado de expressões retiradas do universo futebolístico, o que, por si só, já revela traços cruciais da penetração deste esporte na formação do nosso *ethos* cultural. As manifestações oriundas deste esporte atuam no espaço urbano demarcando e deslocando espaços e ditando normas sociais ao mesmo tempo em que pega emprestado de outras manifestações culturais, gestos, danças e coreografias para a produção do espetáculo.

Além disso, a expressão exaltada de sentimentos na presença e na companhia de muitos outros é uma oportunidade singular para os indivíduos. Elias (s.d., p.72), em uma análise genérica sobre as formas de dramatizações que emanam de uma partida de futebol, colocou que ...na sociedade, de um

modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos. Percebemos também que nas decisões de campeonato, a expressão destes sentimentos tendem a ser cada vez mais ritmadas e regularizadas em cantos e danças coreográficas elaboradas pelos torcedores, produzindo aquilo que Durkheim (1996, p.222), em uma análise sobre os rituais religiosos dos aborígenes australianos, chamou de “efervescência coletiva”, estimulando um sentido estético e ritualístico único para aqueles que participam.

O que procurei mostrar neste ensaio foi a importância do futebol para questões relativas à integração e à formação do *ethos* cultural da cidade. A rivalidade entre os clubes “promovendo” a harmonia e união de segmentos sociais diferenciados e as manifestações coletivas revelando os anseios e temores da comunidade, são aspectos importantes do universo futebolístico que merecem uma investigação mais detalhada e que podem contribuir para os estudos relativos às relações entre cultura popular, modernidade e espaço urbano.

Ronaldo Helal

- Professor Adjunto do Departamento de Teoria da Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Uerj; Doutor em Sociologia pela New York University; autor de: *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Editora Vozes, 1997 e de *O Que É Sociologia do Esporte*, Editora Brasiliense, 1990.

Bibliografia

- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- ELIAS, Norbert. S.D. “Introdução” - in Elias, Norbert e Dunning, Eric - *A Busca da Excitação* - Lisboa: Difel.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. Record, 1983.